

"Ciúme romântico e a sua relação com a violência"

Valéria Centeville*
Thiago de Almeida**

Resumo

Dentre as mais diferenciadas emoções humanas, o ciúme é uma emoção extremamente comum, e dentre todos os tipos de ciúme citados na literatura científica, o ciúme romântico, isto é, aquele que ocorre em relacionamentos amorosos, é um dos que tem despertado maior atenção de psicólogos e leigos. O ciúme romântico se configura como um conjunto de emoções desencadeadas por sentimentos de alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado. Contudo, de uma manifestação normal, algumas pessoas ciumentas permanecem ambivalentes entre o amor e a desconfiança das parcerias afetivo-sexuais que constituem, tomando-se perturbadas, com labilidade afetiva e obcecadas por triangulações, muitas vezes imaginárias. Nesse momento instala-se o fenômeno do ciúme patológico, foco deste artigo, que freqüentemente está relacionado aos casos de violência contra os parceiros.

Palavras-chave: ciúme romântico; amor; relacionamento homem-mulher.

Abstract

Amongst the most distinct of human emotions, the feeling of jealousy is one commonly experienced and among all the kinds cited by the scientific literature – romantic jealousy (occurring in romantic relationships) is the one that

* Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre pelo Núcleo de Estudos Junguianos do Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: valeriaaval@gmail.com

** Psicólogo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). E-mail: thalmeida@usp.br Home Page: www.thiagodealmeida.com.br

has caught the attention of psychologists and to non specialized people. The romantic Jealousy is understood as a variety of diverse emotions and behaviors triggered by feelings of a perceived threat to the stability or quality of an esteemed intimate relationship. However, derived from a normal manifestation, jealousy in some people is characterized by an ambivalence between love and suspicion of their sexual and affectionate partnerships. Becoming increasingly disturbed by affective lability and obsessed with triangulations, often imaginary. At this point the phenomenon known as pathological jealousy, the focus of this article and normally associated with acts of violence against partners, is full-blown.

Keywords: *Romantic jealousy; Love; Man-woman relationships.*

“No ciúme, há mais amor-próprio do que amor”

Rochefoucauld

“O ciúme é uma falta de respeito pela pessoa amada”

Ivan Bounine

O ciúme romântico é aquele que surge no contexto de um relacionamento amoroso. Quando duas pessoas se amam e uma delas percebe alguma ameaça ao relacionamento, real ou imaginária, o ciúme surge como um sinal de alerta, assim como a dor física avisa que há algo errado no corpo. Portanto, o ciúme pode ser saudável, pois é capaz de fazer com que a pessoa que o sente reflita sobre seu relacionamento e sobre si mesma.

Dentre as mais diferenciadas emoções humanas, o ciúme é uma emoção extremamente comum (Kingham e Gordon, 2004). Todos nós cultivamos certo grau de ciúme. Afinal, quem ama, cuida. Mas, como esse desvelo pode variar na interpretação de uma pessoa para a outra, de forma análoga, o ciúme também variará. Portanto, desenvolve-se quando sentimos que nosso parceiro não está tão estreitamente conectado conosco como gostaríamos (Rosset, 2004). O ciúme surge quando um relacionamento diádico valorizado é ameaçado devido à interferência de um rival e pode envolver sentimentos como medo, suspeição, desconfiança, angústia, ansiedade, raiva, rejeição, indignação, constrangimento e solidão, dentre outros, dependendo de cada pessoa (Daly e Wilson, 1982; Haslam e Bornstein, 1996; Knobloch, Solomon, Haunani e Michael, 2001; Parrott, 2001).

Entre todos os tipos de ciúme citados na literatura científica, o ciúme romântico, isto é, aquele que ocorre em relacionamentos amorosos, é um dos que tem despertado maior atenção de psicólogos e leigos. Segundo alguns teóricos, ele seria inerente, isto é, constitutivo da natureza humana, de modo que todos nós seríamos ciumentos em maior ou em menor grau. Ele pode ocorrer em quaisquer tipos de relacionamentos, mas está comumente associado aos relacionamentos amorosos (Bringle, 1995).

Geralmente associamos a experiência do ciúme como uma emoção profundamente negativa que surge quando uma relação importante é ameaçada por um rival. E é porque se teme tal encontro com parceiros potencialmente mais atraentes e gratificantes do que nós mesmos, alimenta-se, repetidas vezes, a insegurança. O ciúme, então, configura-se como um conjunto de emoções desencadeadas por sentimentos de alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado. Para muitos, teóricos da área e para as pessoas em geral, o ciúme é uma manifestação de afeto, zelo ou até mesmo de amor que uma pessoa sente por outra. Segundo o escritor e pensador, Roland Barthes, dada a complexidade do ciúme, o ciumento sofreria quatro vezes, pois esse sentimento o excluiria, o tornaria agressivo, o deixaria louco e, ainda faria seu portador sentir-se banal (Barthes, 1981). De tal forma que muitas pessoas não imaginam o amor sem o ciúme. Mas será mesmo que existe essa obrigatória relação de dependência? Pelo menos é essa a realidade que transparece atualmente e que pode ser retratada pela nossa atual sociedade ocidental, porque, ao que parece, sentir ciúme é uma contingência de caráter quase que obrigatório para se sentir amor e ter um relacionamento satisfatório. Assim, muitas pessoas não conseguem imaginar o ciúme dissociado do amor.

Uma maneira saudável de lidar com o ciúme é refletir sobre esse sentimento. A pergunta: “por que sinto que Fulano (a) é uma ameaça para o meu relacionamento?” pode ser altamente reveladora. Se a pergunta for respondida com sinceridade, o ciumento irá descobrir seus pontos fracos, aspectos talvez primitivos de si mesmo que ele próprio desvaloriza, mas não conseguiu desenvolver. Ao perceber isso, o ciumento pode buscar fortalecer seus pontos fracos e se tornar uma pessoa mais completa, melhorando, inclusive, sua auto-estima. Essa seria uma forma de utilizar o ciúme a seu

favor. No entanto, quando a pessoa ciumenta usa desse sentimento para aprisionar sua parceria amorosa ou mesmo para atacá-la, o ciúme torna-se uma patologia que pode chegar ao extremo da violência física e (ou) do aprisionamento físico.

O ciúme romântico não somente é um dos mais importantes temas que envolvem os relacionamentos humanos, bem como um desafio para muitos deles. Muito tem sido escrito sobre esse fenômeno chamado ciúme, que tantas vezes se instala em nós e em quem amamos, e que tira a tranqüilidade, a concórdia e a confiança de nossos relacionamentos que nos são caros. É importante falarmos a respeito de um tema como esse porque, provavelmente, em algum momento da vida, ou por ele seremos afetados por sentirmos ciúme, ou ainda porque seremos vitimizados como alvo de uma pessoa ciumenta. Dessa maneira, em algum momento da vida, por nos depararmos com essa possibilidade, é necessário sabermos a diferença entre o ciúme considerado “normal” e o “patológico”, dentre outras propriedades do ciúme.

Se não nos dermos ao trabalho de refletir a respeito desse tema, talvez estejamos perdendo uma preciosa oportunidade para aperfeiçoar a qualidade dos nossos relacionamentos amorosos, os quais tanto valorizamos e os quais queremos preservar por meio dos mecanismos do ciúme. E assim, quer como vítimas ou como algozes, se não o admitirmos em nosso cotidiano, podemos deixar de investir no relacionamento que realmente nos é tão caro e libertarmos os parceiros vítimas de nosso “inexplicável” desassossego para que assim possamos recuperar parte de nós mesmos que talvez esteja se perdendo para um fenômeno que nos faz marionetes de nossas próprias emoções.

CIÚME PATOLÓGICO E VIOLÊNCIA

O ciúme patológico pode causar inúmeros transtornos no contexto de um relacionamento amoroso, podendo prejudicar, inclusive, outros âmbitos da vida de uma pessoa, como o social, o profissional, o familiar e o íntimo, provocando, por vezes, sérios conflitos. Para Clanton (1998), o adulto torna-se ciumento quando acredita que o casamento ou o relaciona-

mento romântico no qual está inserido está ameaçado por um rival real ou imaginário. Levando-se em consideração o que foi colocado anteriormente, pode-se dizer que as pessoas ciumentas permanecem ambivalentes entre o amor e a desconfiança de seu parceiro, tomando-se perturbadas, com labilidade afetiva e obcecadas por triangulações, muitas vezes imaginárias. Dessa forma, os ciumentos conflitam entre o medo de descobrir a infidelidade real dos seus parceiros e, não ocorrendo a situação da infidelidade, descobrir que sofre de uma forma de um delírio de ciúme (Hintz, 2003).

O criminologista e autor do livro *Amour et crimes d'amour*, Etiène De Greeff, considera que quando o ciúme repercute em um relacionamento é impossível compreender o papel da razão e da lógica. Assim, as razões que o ciumento cita em seu discurso para uma traição em potencial podem parecer até bastante coerentes e pautadas na realidade; contudo, muitas vezes, são superficiais e se apóiam em premissas falsas (1942/1973).

Freqüentemente, aquilo que até então era zelo e cuidado, a serviço de valorizar o amor e o vínculo da exclusividade entre os parceiros, acaba sendo expresso como vigilância cerrada e injustificadas punições aos parceiros. O ciumento permanece em um estado de constante vigília, ansioso, estressado e aflito, é intempestivo nas atitudes que toma, prevalecendo freqüentemente atitudes agressivas, acusadoras, desconfiadas, o que causa grandes problemas na evolução da relação. Esse descontrole pode levar os ciumentos a protagonizar cenas ridículas e constrangedoras em público. De uma forma geral, embora se verifique a conservação de convicções desajustadas, é comum a insensibilidade dos ciumentos intensos e excessivos à contradição quando colocados em uma situação de confronto com as crenças que fundamentam seu estado afetivo.

É possível que essa insensibilidade esteja associada a traços de personalidade paranóica, tais como rigidez psíquica, orgulho, desconfiança e falsidade de julgamento. Para Cavalcante (1997), a paranóia é o transtorno mais comumente associado ao ciúme patológico, constituindo-se de delírios paranóicos sistematizados.

Em *Freud e a psicanálise*, Jung (1989) tratou o ciúme como uma manifestação afetiva e como uma defesa em relação ao objeto visado. O ciúme patológico pode ser considerado um afeto ou emoção porque ele é

intenso, atraindo a atenção do ego para o que estiver relacionado a ele, de maneira que o ciumento patológico pode até mesmo ignorar e distorcer os fatos da realidade externa. Existem diversos graus de ciúme, sendo que o patológico é aquele que causa maiores prejuízos ao ciumento e à sua companheira devido à sua intensidade exagerada.

De acordo com Carotenuto (2004), a pessoa ciumenta não consegue manter uma relação de objetividade com os fatos, de maneira que eles são interpretados a partir de uma perspectiva obsessiva, favorável às suspeitas. Levando-se em consideração o que foi escrito anteriormente, podemos entender que uma emoção intensa como o ciúme patológico pode ultrapassar os limites de controle egóico e prejudicar a capacidade de raciocinar com clareza e objetividade, o que pode conduzir o ciumento mórbido a atos violentos.

E não nos enganemos: as estatísticas policiais sobre as vítimas do ciúme patológico normalmente estão distorcidas, tendo em vista o fato de as mulheres raramente darem queixa das agressões que sofrem por esse motivo. Mas, na realidade, segundo estimativas, entre cada dez homicídios cometidos por ciúme, apenas um ou dois são cometidos por mulheres. Também outro pensamento a favor de que as mulheres têm mais razões reais de ciúme é a idéia de que os homens são notoriamente infelizes. O ciúme patológico pode até motivar homicídios, e muitas dessas pessoas sequer chegam aos serviços médicos. Para Palermo et al (1997), a maioria dos homicídios seguidos de suicídio são crimes de paixão, ou seja, relacionados a idéias delirantes de ciúme intenso ou excessivo. São, geralmente, crimes cometidos por homens (mas isso não exclui as mulheres do problema) com algum problema psicológico, desde transtornos de personalidade, alcoolismo, drogas, depressão, obsessão, até a franca esquizofrenia.

Segundo Cosmides e Tooby (1987, p. 280) se referendando ao trabalho de Daly e Wilson (1982):

De longe o principal motivo de homicídios de esposas na América do Norte, e com toda a certeza também em todo o mundo. Se incluirmos as disputas entre homens por causa de mulheres, é provável então que o ciúme sexual masculino seja a causa número um de homicídios.

Vários estudos relacionaram o ciúme masculino à violência contra a mulher. Pesquisadores da Universidade de Chicago revelaram que o ciúme sexual masculino é um dos fatores de risco para que a mulher seja submetida à violência pelo parceiro. Outras variáveis relacionadas à agressividade física e verbal são crenças patriarcais, baixo estrato econômico e consumo de álcool (Parish et al., 2004).

Outra pesquisa, realizada na Dinamarca, revelou que a maioria das mulheres assassinadas por armas de fogo durante o período de 1985 a 1994 morreram em seus domicílios, sendo que os autores dos crimes foram seus próprios maridos, por ciúme (Hougen e Poulsen, 2000).

Em sociedades caracterizadas pela chamada “cultura da honra”, como a brasileira, a violência doméstica contra mulheres é aceita, de maneira implícita, de acordo com os resultados apontados por uma pesquisa realizada por Vandello e Cohen (2003). Em casos de infidelidade feminina ou simplesmente de ciúme masculino, a violência é justificada pelo fato de a mulher ter ofendido a reputação masculina, seja na realidade ou na fantasia (do homem). A agressão é considerada uma maneira de restaurar parte da reputação masculina e existe uma expectativa de que as mulheres sejam leais quando a violência está relacionada ao ciúme, aceitando-a. Levando-se em consideração os resultados desta pesquisa, podemos entender que o homem influenciado pela “cultura da honra” acredita que sua própria honra esteja vinculada à fidelidade de sua companheira. Além disso, observamos com frequência, que esse mesmo homem associa sua própria virilidade à fidelidade, especialmente sexual, de sua parceira amorosa. Prova disso é que muitos homens com esse tipo de personalidade que foram traídos por mulheres se tornam impotentes sexualmente até que sejam capazes de elaborar a traição e desvincular essa decepção amorosa de sua própria masculinidade. Tendo essas observações como base de raciocínio, poderíamos pensar que se desfizéssemos crenças limitantes que associam honra e virilidade masculinas à fidelidade feminina teríamos homens mais livres e menos ciumentos em relação às suas parceiras, pois, nesses casos, as companheiras poderiam ser infiéis sem colocar em risco a reputação dos

homens. Pensamos que, portanto, o questionamento e a transformação desse tipo de crença patriarcal poderia ser um caminho para a elaboração do ciúme patológico masculino.

De acordo com Centeville (2008), na cultura patriarcal, o ciúme patológico masculino se expressa através da preocupação do homem com sua honra, da necessidade de vigilância e controle da mulher e da identificação com uma *persona* inflada para compensar a baixa auto-estima. Para alcançarmos uma conduta terapêutica adequada, poderíamos questionar: “qual seria a origem da baixa auto-estima masculina nessa cultura?”

O comportamento de se vingar da traição com a morte do rival e/ou da suposta traidora é um tema recorrente encontrado na mitologia e na literatura. Por exemplo, Zeus fulminou Iasion com um relâmpago quando descobriu que ele estava tendo um caso com Deméter, que era amante de Zeus. É comum se ouvirem casos assim na cultura patriarcal. Os fatos mitológicos e literários refletem o que comumente acontece nessa cultura.

A sociedade capitalista valoriza excessivamente o ter, a competitividade e o poder (características do princípio masculino), o que faz com que, muitas vezes, pessoas sejam tratadas como objetos. Essa mentalidade está tão enraizada na cultura que muitas vezes se observa que a honra e o orgulho se sobrepõem ao amor. Um exemplo disso é quando um homem se preocupa muito mais com o que vão dizer dele do que com o que sente em relação a sua mulher. É freqüente se ouvirem notícias de que uma mulher foi assassinada ou violentada pelo marido ou namorado porque terminou seu relacionamento com ele. Esse tipo de comportamento masculino, comumente encontrado na cultura patriarcal, mostra como o amor e a tolerância – valores do princípio feminino – ficaram relegados ao segundo plano.

Qualquer relação permeada pelo ciúme pode se caracterizar por violência, e esse aspecto se engrandece quando o ciúme é patológico. A violência doméstica comumente é resultado do ciúme, sobretudo quando este é patológico (Kingham e Gordon, 2004). No ciúme patológico, várias emoções são experimentadas, tais como a ansiedade, depressão, raiva, vergonha, insegurança, humilhação, perplexidade, culpa, aumento do desejo sexual e desejo de vingança.

Segundo Guerra (2004), em um levantamento bibliográfico realizado na Universidade Federal de Uberlândia, o qual abordava os temas de violência conjugal e violência intrafamiliar, no Brasil o ciúme desponta como a principal causa aparente da violência. Ainda nesse estudo, dos 115.000 processos criminais analisados (todos do ano de 1995), do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, 15% eram crimes contra a mulher, e na maioria dos casos o réu era o marido ou um parceiro amoroso.

Segundo Corrêa e Souza (2006), a Constituição brasileira de 1988 ressalta a igualdade entre homens e mulheres e escreve que, juridicamente, não existe a idéia de honra conjugal, visto que ela é um atributo exclusivamente pessoal e intransferível. Assim, em termos jurídicos, quando a mulher trai seu marido ou companheiro, apenas ela fica desonrada, não afetando em nada a honra do marido. Na prática, contudo, muitos homens ainda praticam homicídios e lesões corporais contra suas companheiras em nome da defesa de sua própria honra e, quando alegam a tese de legítima defesa da honra, muitos ainda são absolvidos. É o que mostram os exemplos a seguir:

Apelação criminal n. 3.129/99, Cuiabá, 22.08.2000.

Resumo: o acusado foi absolvido da tentativa de homicídio praticada contra sua namorada, mediante vários golpes de faca, motivado por suspeita de traição da vítima. (Correa e Souza, 2006, p. 127).

Apelação Criminal n. 01.018426-5, Turvo, 30.10.2001.

Resumo: desconfiado da traição da mulher, o réu teria desferido-lhe um tiro pelas costas, após ter anunciado a separação, circunstância que lhe rendeu a absolvição por acolhimento da tese de legítima defesa da honra pelo júri popular. (Correa e Souza, 2006, p. 116).

Apelação Criminal n. 048019000354, Comarca da Capital – Juízo da Serra, 07.11.2001.

Resumo: o réu foi absolvido da acusação de homicídio praticado contra sua esposa porque teria agido imbuído de ciúme em razão de sua traição. (Correa e Souza, 2006, p. 124).

Esses exemplos mostram que práticas culturais patriarcais ainda são marcantes na cultura brasileira, ainda que a legislação tenha mudado em favor da igualdade entre os gêneros.

Outro estudo, realizado por Adeodato et al. (2005), identificou o ciúme masculino como um fator desencadeante de agressão contra mulheres em suas residências. Os objetivos da pesquisa foram avaliar a qualidade de vida e a depressão nas mulheres vítimas da violência doméstica e estabelecer o perfil socioeconômico da mulher agredida pelo parceiro e as particularidades das agressões sofridas.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que o perfil da mulher agredida é: jovem, casada, católica, com filhos, pouco tempo de estudo e baixa renda familiar. Álcool e ciúme foram os fatores mais referidos como desencadeantes das agressões, tendo 84% das mulheres sofrido agressão física e 72% delas apresentaram quadro sugestivo de depressão clínica. A análise dos dados indicou que a violência doméstica está associada a uma percepção negativa da saúde mental da mulher.

Segundo um trabalho realizado por Torres et al. (1999), o ciúme patológico pode ser um sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), pois inclui rituais de verificação e obsessão característicos dessa síndrome. Foram selecionados quatro casos clínicos de TOC com sintomas de ciúme patológico do Serviço de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Botucatu, da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). O critério de escolha priorizou os casos mais representativos de TOC com ciúme patológico, seguido de descrição e discussão de suas características. Os sujeitos receberam o mesmo tratamento médico oferecido a outros pacientes diagnosticados como obsessivo-compulsivos e, segundo os pesquisadores, apresentaram melhora.

Os resultados dessa pesquisa indicaram que foi aberta uma nova alternativa de abordagem terapêutica do ciúme patológico, que até bem recentemente se restringia a duas condutas quase opostas: a internação com o uso de neurolépticos e as abordagens psicodinâmicas exclusivas. Segundo os autores, tal fato permite um maior otimismo em relação ao seu prognóstico, pois sendo o ciúme patológico, em geral, uma condição

que envolve muito sofrimento e que é notoriamente difícil de tratar, a possibilidade de sucesso em certos casos com outras abordagens, como as específicas para TOC, é relevante.

O ciúme patológico também foi estudado por Michael et al. (1995) com o objetivo de melhor compreender a relação desse sintoma com o alcoolismo. Foram pesquisados 207 pacientes heterossexuais do sexo masculino, dependentes de álcool e que estavam casados ou em um relacionamento estável. As principais conclusões da pesquisa foram que o alcoolismo parece não ser o causador do ciúme patológico. E detectar os casos em que o ciúme mórbido (sinônimo de patológico) se manifesta apenas quando o paciente está alcoolizado tem sua utilidade em processos preventivos.

Para Adler, o ciúme é um traço de caráter e, ao mesmo tempo, uma maneira de lutar para manter a dominação. Ele aparece sob formas diversas: desconfiança, preparação de armadilhas, críticas aos colegas e no medo constante de ser preterido. Gostar de ser desmancha-prazeres, opor-se sem motivo, restringir a liberdade do outro e conseguir dominá-lo são outras manifestações do ciúme. O ciumento pode estabelecer regras de amor para o parceiro:

Fixar para outrem uma série de regras de conduta é um dos expedientes prediletos do ciúme. É este o padrão característico de procedimento que uma pessoa adota, quando intenta ditar jeitosamente algumas regras de amor ao cônjuge, quando cerca de muralhas a pessoa a quem ama, e lhe determina para onde deve olhar, que deve fazer e como deve pensar. (1967, pp. 200-2001)

A finalidade do ciúme é roubar a liberdade do outro, fazê-lo andar em determinado trilho ou mantê-lo acorrentado (Adler, 1967).

No relacionamento amoroso, cada parceiro sente necessidade de controlar o outro e o ciúme pode funcionar como uma justificativa para exercer esse controle e vigilância, quando não existem outros pretextos plausíveis (Carotenuto, 2004).

Percebemos que, para esses autores, o ciúme está totalmente relacionado ao poder, à dominação e ao aprisionamento do companheiro. Questionamos se o ciúme seria sempre negativo para o relacionamento ou

se também teria seu lado positivo, dependendo da atitude do ciumento. Será que o ciumento que usa esse sentimento para refletir sobre si mesmo e sobre seu o relacionamento vai tentar aprisionar e vigiar a pessoa que ama? Será que dominar o ser amado com práticas ciumentas evita a tão temida traição? Na prática clínica, observamos que nada é capaz de evitar a traição, pois até mesmo uma pessoa presa à cama por algemas pode pensar e se imaginar traindo seu parceiro. É claro que poucos casos chegam a um extremo desses, mas podemos observar que a pessoa que quer trair acaba criando algum jeito de fazê-lo, por mais que seja vigiada e controlada. Às vezes, ocorre até mesmo a traição para assegurar sua autonomia em relação ao parceiro possessivo, para provar para si mesma que não tem dono ou que ninguém manda nela. Às vezes, há sentimentos de vingança contra a tentativa de aprisionamento.

Para Alberoni (1988), o ciúme surge quando uma pessoa percebe que o ser amado se sente atraído e fascinado por algo que ela não possui e que outra pessoa tem. Esse autor entende que o ciúme significa reconhecer que outra pessoa possui algo de valor para o ser amado, que a própria pessoa não tem. Diante dessa atração do ser amado por algo de outra pessoa, o indivíduo enamorado sente seu próprio valor anulado, sendo tirado o mérito daquilo que ele é. De acordo com esse raciocínio, uma possível conduta psicoterapêutica seria conduzir o ciumento para que ele refletisse sobre o que ele considera que está faltando nele próprio. Dependendo do que for, ele poderá trabalhar para desenvolver o que estiver faltando ou chegar à conclusão de que nunca será capaz disso. Neste último caso, ele poderia perguntar ao ser amado se realmente esse algo lhe faz falta. Se não fizer, não há razão para sentir que o relacionamento esteja ameaçado. Se fizer falta, o parceiro é quem irá decidir o que fazer e o ciúme não irá conseguir suprir essa falta nem proteger o amor.

Para Klein e Riviere (1975), o ciúme ocorre no contexto de rivalidade amorosa, representando uma reação de agressividade e ódio devido a uma perda ou ameaça dela. A pessoa ciumenta sempre se sente humilhada e inferiorizada, além de indigna, deprimida e culpada. Essas emoções decorrem da seguinte lógica: se ela não é amada ou não se sente amada é porque não é digna de amor, e que é odiável por não ter sido suficientemente boa.

Levando-se em consideração o que foi escrito anteriormente, é possível entender que as reações de ódio e agressividade decorrentes do ciúme – que podem, inclusive, se manifestar com violência verbal e física – estão intimamente relacionadas à baixa auto-estima. De acordo com esse raciocínio, podemos pensar que uma maneira interessante de se trabalhar em psicoterapia com o ciumento patológico seria focar em sua auto-estima, procurando compreender o quanto a pessoa está sendo aquilo que deseja ser e o quanto gosta de si mesma. Na prática clínica, observamos que as pessoas que sentem ciúme excessivo de seu parceiro têm um complexo de inferioridade acentuado, acreditando os outros têm mais qualidades e são mais interessantes. Essa dinâmica psíquica é totalmente coerente com o sintoma do ciúme patológico, pois se a pessoa sente que praticamente todos são melhores do que ela, então sentirá medo de perder seu parceiro amoroso para qualquer pessoa. É comum observarmos o ciumento patológico acreditar que sua parceira amorosa está com ele por algum interesse (financeiro, sexual, conveniências, entre outros) e que não o ama de verdade. Entendemos que é difícil para uma pessoa acreditar que alguém a ama quando ela mesma não se ama.

Os sentimentos de posse e exclusividade em relação ao outro também podem estar relacionados ao modelo familiar que a pessoa teve. Segundo Araujo (2005), a criança que foi criada por pais que focalizaram toda sua atenção nela, deixando de lado outros papéis em sua vida (como o de marido, esposa, profissional, por exemplo), terá dificuldades para se relacionar com mais de uma pessoa. Assim, ela tenderá a se relacionar apenas com uma pessoa, vivendo em função dela e exigindo exclusividade, o que dificultará sua socialização e seu relacionamento amoroso, já que sentirá ciúme sempre que seu parceiro se relacionar com outras pessoas além dela. Levando-se em consideração as idéias dessa autora, podemos pensar que um possível trabalho psicoterapêutico com o ciumento patológico poderia ser a compreensão de que existem outros modelos familiares, mais saudáveis e mais abertos. A ampliação da sociabilidade do ciumento patológico poderia ser um caminho para a diminuição desse sintoma, assim como o aprendizado de dividir a atenção de sua companheira com outras pessoas.

Grinberg fez um estudo sobre a psicopatologia do ciúme e da traição, analisando a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Segundo ele, o ciúme, numa situação normal, tem a função de regular a possessividade e a onipotência do indivíduo diante do outro, fazendo-o perceber que ele não pode ter o outro de “maneira eterna, perene e incondicional” (2000, p. 69).

Na prática clínica, observa-se que muitas mulheres dedicam suas vidas ao marido e ao casamento, sentindo ciúme e ódio quando o relacionamento é ameaçado ou termina. Como o ódio não é considerado feminino na cultura patriarcal, é comum que fiquem deprimidas, ao dirigirem essa emoção para dentro delas mesmas.

Para Rinne, o ciúme consiste numa mistura de afetos negativos, tais como:

[...] medo de perder o amor e a intimidade; inveja da maior liberdade e do sentimento mais forte de autovalorização que se imagina que o parceiro ou rival tem; dúvidas sobre si próprio; sentimento de impotência, de dependência e da própria falta de valor. (Rinne, 1999, pp. 69-70)

De acordo com Rinne (*ibid.*), o cerne do ciúme, para ambos os sexos, é a diminuição do sentimento de seu próprio valor e do respeito por si mesmo. O ciúme passou a significar perda de prestígio e, por isso, as pessoas passaram a evitar sua causa, envolvendo-se menos com seus parceiros. Esse é um modelo masculino de relacionamento que começou a ser adotado pelas mulheres também. Então, negar e reprimir o ciúme não é a melhor alternativa, pois ele é um afeto de proteção que indica que aconteceu uma mudança no relacionamento e na imagem que se tem de si mesmo. Com a ajuda dessa emoção, é possível constatar mudanças que ocorreram na relação e que não foram percebidas por não se querer admiti-las.

De acordo com Byington (2002) – criador da Psicologia Simbólica – o ciúme pode tanto promover o desenvolvimento do indivíduo quanto estagná-lo ou dificultá-lo, dependendo da maneira como o ego lida com esse afeto. Refere Freud (1976), para quem o ciúme é um estado emocional

normal. No caso de pessoas que aparentam não experimentar esse estado, pode-se inferir que ele foi reprimido e que atua mais intensamente a partir do inconsciente.

Quando o ciúme é simplesmente desqualificado e reprimido, ele passa a operar na sombra, tornando-se inadequado e destrutivo. Assim, uma pessoa pode se mostrar intolerante, possessiva, obsessiva e agressiva, o que faz com que o vínculo amoroso seja destruído. O ciúme deve ser respeitado, pois assim o amor é cultivado e preservado (Byington, 2006).

Levando-se em consideração as idéias desses últimos autores, entendemos que não é interessante reprimir o ciúme. Melhor seria compreender esse sentimento, refletir sobre o que ele está mostrando a respeito do relacionamento e do próprio ciumento. Dessa forma, é possível utilizar essa emoção para o desenvolvimento do indivíduo e evitar que ela se intensifique e se torne patológica.

O bom ciúme seria aquele que cuida e protege, zelando pelo ser ou objeto amado. Por outro lado, o ciúme patológico seria aquele baseado na fusão e na posse. O ciumento patológico vive na ilusão de que o parceiro é uma parte dele mesmo e, quando a mulher não corresponde mais à imagem que o homem idealizou, ao expressar sua autonomia e identidade, começam as suspeitas e os conflitos (Cavalcante, 1997).

Entende-se que um relacionamento baseado no amor é marcado pelo compartilhamento e pela troca entre egos com certo grau de autonomia e integridade. Através de observações cotidianas e de casos clínicos, pode-se hipotetizar que, quando o homem confia nele mesmo, tende a confiar no mundo e na esposa. Por outro lado, se não tiver essa confiança, provavelmente irá projetar sua desconfiança no mundo (e na companheira), o que pode ser um dos fatores contribuintes para o surgimento da paranóia. Um possível trabalho psicoterapêutico seria conduzir o ciumento patológico para compreender os motivos da falta de confiança em si mesmo e depois começar a desenvolver sua autoconfiança, junto com sua autonomia e integridade egóicas.

Considera-se que nos casos de extrema violência, certamente, existem fatores psicológicos envolvidos, além dos culturais, tais como a não superação da estrutura do complexo de Édipo, baixa auto-estima, fragilidade

egóica e complexos parentais patológicos. Mesmo assim, percebe-se que a excessiva valorização do poder, da posse e da honra masculina influencia no comportamento do ciúme mórbido. Ou seja, na dinâmica do ciúme patológico são encontrados tanto fatores subjetivos quanto culturais.

CONCLUSÃO

O tema ciúme mostra-se de grande importância enquanto área de estudo, já que diferentes estudos o colocam como fator de motivação em casos de homicídios, violência doméstica e outros contextos de agressão física e verbal. Ultimamente, muito dos conflitos e da violência entre homens e mulheres no âmbito dos relacionamentos amorosos têm crescido derivados do ciúme e estão relacionados com a questão da infidelidade. Principalmente no contexto brasileiro, muitas das pessoas que são vítimas de ciúme, dependendo do grau e de acordo com seus históricos de vida, sentem-se lisonjeadas em granjear esse tipo de atenção para elas mesmas. Contudo, não devemos deixar escamotear a nossa percepção e deixar passar despercebido o número de casos de violência doméstica, crimes passionais, etc. Nesse sentido, a exemplo da personagem Othelo, de Shakespeare, podemos dizer que existem muitos casos similares ao da história e “Othelo”s na vida real, pois o ciúme lança seus efeitos na vida de muitas pessoas.

Há tanto fatores culturais quanto psicológicos associados ao ciúme patológico. Entre os aspectos culturais, podemos destacar a preservação da honra e da reputação masculinas, que são percebidas como associadas ao comportamento da companheira na cultura patriarcal e a possessividade que pode estar associada à cultura capitalista que valoriza excessivamente o ter em detrimento do ser. Percebe-se que a violência física e verbal, freqüentemente, está presente em relacionamentos marcados pelo ciúme. Por isso, é necessário pensarmos em propostas psicoterapêuticas rápidas e eficazes com o objetivo de diminuir o sofrimento das vítimas do ciúme patológico.

No âmbito subjetivo, encontramos o ciúme patológico associado à baixa auto-estima, ao orgulho, à não superação da estrutura edipiana, à fragilidade egóica e a complexos parentais patológicos. As propostas psico-

terapêuticas podem ser conduzidas no sentido de rever crenças limitantes e criar outras, mais saudáveis, elaborando feridas psíquicas. É necessário melhorar a auto-estima da pessoa que sofre de ciúme patológico, rever sua estrutura familiar, seu relacionamento com figuras parentais e a visão que tem de si mesma, buscando fortalecer seus pontos fracos e valorizar seus pontos fortes.

REFERÊNCIAS

- ADEODATO, V. G. et al. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 1, pp. 108-113.
- ADLER, A. (1967). “Traços agressivos de caráter”. In: ADLER, A. *A ciência da natureza humana*. 6. ed.. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ALBERONI, F. (1988). *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ARAÚJO, C. A. (2005). *Pais que educam: uma aventura inesquecível*. São Paulo: Gente.
- BARTHES, R. (1981). *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BOLEN, J. S. (2002). *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. São Paulo: Paulus.
- BRINGLE, R. G. (1995a). Romantic jealousy. *Social Perspectives on Emotion*, v. 3, pp. 225-251.
- BYINGTON, C. B. (2006). Ciumentos sob controle. *Psique: ciência e vida*. v. 1, n. 3, pp. 46-53.
- BYINGTON, C. A. B. (2002). *Inveja criativa: o resgate de uma força transformadora da civilização*. São Paulo: W11 Editores.
- CLANTON, G. (1998). “Frontiers of jealousy research”. In: CLANTON, G. e SIMITH, L. G. (eds.). *Jealousy* . Lanhan, New York, Oxford: University Press.
- CAROTENUDO, A. (2004). *Amar Trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus.

- CAVALCANTE, M. (1997). *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- CENTEVILLE, V. (2008). Ciúme patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC.
- CORREA, M. e Souza, E. R.(2006). *Vida em família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”*. Campinas: Unicamp/Pagu.
- COSMIDES, L., e TOOBY, J. (1987). “From evolution to behavior: Evolutionary psychology as the missing link”. In: Dupre, J. (ed.). *The latest on the best: Essays on evolution and optimality*. Cambridge, MA: MIT Press.
- DALY, M. e WILSON, M (1982) Homicide and kinship. *American Anthropologist*, n. 84, pp. 372-378.
- DE GREEFF, E. (1942/1973). *Amour et crimes d’amour*. Bruxelles: C. Dessert.
- GRINBERG, L. P.(2000). A traição de bentinho: um estudo sobre a psicopatologia do ciúme e da traição. *Junguiana: revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica* n. 18, pp. 67-76.
- GUERRA, C. (2004). *Violência conjugal e intrafamiliar: alguns dados de mundo*, Minas Gerais e Uberlândia. Estudo da Universidade Federal de Uberlândia.
- HASLAM, N. e BORNSTEIN, B. H. (1996). Envy and jealousy as discrete emotions: A taxometric analysis. *Motivation and Emotion*, n. 20, pp. 255-272.
- HEBLING, E. M. e GUIMARÃES, I. R. F. (2004). Women and AIDS: gender relations and condom use with steady partners. *Cad. Saúde Pública* v. 2, n. 5, pp. 1211-1218.
- HINTZ, H. C. (2003). O Ciúme no Processo Amoroso. *Pensando Famílias*, v. 5, n. 5, pp. 45-55.
- HOUGEN, H.; S, R. e POULSEN, K. (2000). Homicide by firearms in two scandinavian capitals. *The American Journal of Forensic Medicine and Pathology*, v. 21, n.3, pp. 281-286.
- JUNG, C. G. (1989). *Freud e a psicanálise*. O. C. 4. Petrópolis: Vozes.

- KLEIN, M. e RIVIERE, J. (1975). Ciúme. In: KLEIN, M. e RIVIERE, J. *Amor, ódio e reparação: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago.
- KINGHAM, M. e GORDON, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment*, n. 10, pp. 207-215.
- KNOBLOCH, L. K., SOLOMON, D., HAUNANI, C., e MICHAEL G. (2001). The role of relationship development and attachment in the experience of romantic jealousy. *Personal Relationships*, n. 8, pp. 205-224.
- MICHAEL, A. M. et al. (1995). Morbid jealousy in alcoholism. *The British Journal of Psychiatry*. Cambridge, v. 167, n. 5, pp. 668-672.
- PALERMO, G. B. et al. (1997). Murder-suicide of the jealous paranoia type: a multicenter statistical pilot study. *American Journal of Forensic Medicine and Pathology*, v. 18, n. 4, pp. 374-383.
- PARISH, W. L. et al. (2004). Intimate partner violence in China: national prevalence, risk factors and associated health problems. *International Family Planning Perspectives*. Guttmacher, v. 30, n. 4, 1pp. 74-181.
- PARROTT, W. G. (2001). *Emotions in social psychology: Essential readings*. Philadelphia: Psychology Press.
- PASSINI, W. (2006). *Ciúme: a outra face do amor*. Rio de Janeiro: Rocco.
- RINNE, O (1999). *Medéia: o direito à ira e ao ciúme*. São Paulo: Cultrix.
- ROSSET, S. M. (2004). *O casal nosso de cada dia*. Curitiba: Editora Sol.
- TAQUETTE, S. R. et al. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cad. Saúde Pública*, v. 19, n. 5, pp. 1437-1444.
- TORRES, A. R. et al. (1999). O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, n. 3, pp. 165-173.
- VANDELLO, J. e COHEN, D. (2003). Male honor and female fidelity: implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 5, pp. 997-1010.